

POLÍTICA

Respaldo a José Sarney e uma frase de Tancredo

Quem tem medo de José Sarney? A pergunta vem crescendo, em intensidade, desde que os fatos, implacáveis, foram desmontando o quadro de ilusões montado por boletins e assessores do presidente eleito Tancredo Neves. O agravamento do estado de saúde presidencial, ocorrido nos feriados, especialmente os acontecimentos de ontem, limitam num fio de esperança a recuperação de Tancredo Neves e apresentam, de forma impositiva, a discussão sobre o destino institucional do país.

Debate-se, num primeiro momento, a legalidade e a legitimidade do presidente em exercício, José Sarney, para continuar exercendo suas funções no caso, não desejado por ninguém, de o presidente eleito vir a faltar, em consequência da conjunção de azares que se abateu sobre ele, desde, o comportamento prévio que teve como paciente até o hiatorogenia que se teria verificado após seu internamento apressado no dia 14 de março último.

Não parece haver maiores dificuldades para que as lideranças políticas, civis e militares, aceitem a tese da legalidade do exercício do mandato presidencial pelo vice-presidente eleito com Tancredo Neves a 15 de janeiro deste ano. As primeiras manifestações nesse sentido aconteceram na noite de 14 de março. Daí em diante, o próprio comportamento do presidente em exercício serviu para derrubar dúvidas eventuais sobre a questão. O país continuou funcionando. Devagar, mas funcionando. O agravamento do quadro clínico trouxe a necessidade de que o presidente em exercício assumisse integralmente o poder. Surgiram fricções dentro da Aliança Democrática, fruto de açosamentos e até de equívocos políticos, rapidamente absorvidos pelas partes em confronto.

José Sarney chegou à Semana Santa firme no seu posto, apoiado pelas lideranças principais do país e disposto a, passado o feriadão, voltar-se totalmente para a condução do país. Peemedebistas, frentistas e familiares souberam disso antes do agravamento das condições de Tancredo Neves, que culminaram em mais cirurgias. Souberam e aceitaram: impunha-se decisão desse tipo para que o país não parasasse. As nomeações começaram, suas tentadas por alguns critérios básicos, igualmente já conhecidos: os compromissos de Tancredo Neves e os interesses dos dois partidos que formam a Aliança Democrática.

A hipótese, não desejada mas concreta, da morte de Tancredo Neves trouxe novamente à discussão a questão da legitimidade do presidente em exercício. Há quem dele não goste, ou desconfie, em razão de suas origens políticas, udenistas, pedessistas. Diz-se que todo o equilíbrio político e institucional existente foi feito apenas para Tancredo Neves, em função dele e só com ele poderá manter-se. Sem ele, terá que ser refeito. É verdade que o equilíbrio tecido pelo presidente enfermo é de delicada textura, mas seria insultar o inegável talento político de Tancredo Neves afirmar-se que, sem ele, torna-se inexecutível o projeto da Aliança Democrática, insustentável a policromia de apoios que permitiu o desaparecimento de um regime autoritário após vinte e um anos de vigência.

O presidente em exercício José Sarney tem um passado e uma biografia, está última em pleno desenvolvimento. Correu riscos sérios ao deixar o PDS, incentivar os liberais e filiar-se ao PMDB, partido pelo qual chegou onde está. Todos os acordos foram feitos admitindo-se, sempre, a possibilidade de que ele substituiria o presidente, toda vez que isso fosse necessário. Ninguém, nem ele mesmo, esperava que isso ocorresse da forma como ocorreu. No entanto, ocorreu, está ocorrendo. E é imperioso para que a Nação consolide seu destino democrático, que o mesmo bom senso que presidiu tantos acordos anteriores, permitindo-nos dar um exemplo internacional de transição pacífica, seja preservado, acrescido de novos gestos de grandeza.

Não é bom negociador quem quer desmanchar ou rever um negócio no meio do caminho. Nossos políticos sempre tiveram fama de bons negociadores e deverão mantê-la. Qualquer tentativa de golpear a Constituição, nesse momento, não encontrará respaldo. A legitimidade reclamada, está sendo conquistada na prática pelo presidente em exercício, haja vista as inúmeras manifestações de apoio e obediência que recebe dos ministros nomeados por Tancredo Neves, ministros civis e militares. Ele é do PMDB, ajudou a fazer o acordo com a Frente Liberal, tem apoio de lideranças e ministros, de entidades e de partidos. Mesmo os mais renitentes, à direita ou à esquerda, sabem que será através de José Sarney que poderá manter-se o programa de mudanças elaborado para substituir o regime anterior. Ao terminar seu discurso de vitória, dia 15 de janeiro, disse Tancredo Neves: "Não vamos nos dispersar. Continuemos reunidos, como nas praças públicas, com a mesma emoção, a mesma dignidade e a mesma decisão. Se todos quisermos, dizia-nos, há quase duzentos anos, Tiradentes, aquele herói enlourecido de esperança, poderemos fazer deste país uma grande Nação. Vamos fazê-la".

Luiz Recena Grassi